

AVENÇA

Biblioteca Nacional

Lisboa

AVENÇA

Semnário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendeiro

Composição, impressão e Redacção na

Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense

FIGUEIRO DOS VINHOS

Mandato imperativo

O sr. ministro da Economia Nacional apresentou o magnífico ensejo, que lhe ofereceu a inauguração do «Auditorium» e das Jornadas agronómicas na Estação Agronómica Nacional, para mais uma vez, com aquela clareza e verdade que lhe são peculiares, chamar a atenção do País para alguns dos mais graves problemas económicos da hora presente.

Depois de definir o papel importantíssimo da estação agronómica, o sr. dr. Rafael Duque frisou, ao terminar as suas importantes declarações:

«A guerra vai alastrando e ameaça avassalar o mundo. A' medida que o tempo passa, sente-se que vamos caminhando para o isolamento — causa de verdadeira asfixia económica. Fecham-se mercados, perdem-se meios de transporte, secam fontes de reabastecimento de matérias primas e de substâncias alimentares, com que ainda há pouco se contava, apesar de todos os impedimentos e restrições. E, no entanto, a vida tem as suas exigências — mínimas que sejam — que é preciso satisfazer. Temos reflectido suficientemente nas contingências da hora presente? Temos temperada a vontade e fortalecido o sentimento — um por todos e todos por um — para criar as condições de vida necessárias à população? Se temos, só resta este caminho: fazer apêlo aos actuais recursos da técnica e produzir sem desfalecimento nem querelas de família, que possam entorpecer a acção. O Governo assegurará, como até aqui, as condições gerais, económicas e políticas, que podem tornar fecundo o trabalho; respeito pelas instituições seculares sobre as quais repousa a vida económica e social; utilização de «todas as forças», que podem servir para valorizar o trabalho e dar desfôgo à produção.»

Quere dizer, repetindo as afirmações que fez na sua conferência «As substâncias e a População», o ilustre membro do Governo insiste novamente, que o País tem de produzir mais e melhor.

De facto, vivemos uma hora sobremodo grave, mercê das circunstâncias anormais criadas pela guerra. Se não soubermos ter decisão e energia orientadas pelo melhor e mais são patriotismo, corremos o risco de ver a nossa economia seriamente comprometida e conseqüentemente, pioradas as nossas condições de vida.

E' possível, porém, criarmos as condições necessárias para enfrentar todas as dificuldades se soubermos com disciplina e patriotismo, cumprir o nosso dever.

O Governo — nunca é demais reafirmar — e em homenagem à verdade, tem feito tudo quanto nas suas forças cabe para lutar o País às conseqüências da guerra. Não é possível fazer nem mais nem melhor.

Mas toda a acção do Governo correrá o risco de resultar infrutífera, perdida, se a Nação não realizar a parte que lhe compete, o labor que lhe compete.

Como?

Enviedando por aquele caminho que é o único que lhe resta, e em nome muito bem o acentuou o sr. ministro da Economia: fazer apêlo aos actuais recursos da técnica e produzir sem desfalecimento nem querelas de família, que possam entorpecer a acção. Nestas palavras está, em verdade, um mandato a que ninguém pode furtar-se, a que ninguém pode fazer ouvir surdos, sob pena de atentar contra a própria Nação.

Conselho Municipal

R uniu no próximo passado dia 25 o novo Conselho Municipal, a fim de tomar posse e eleger os membros da Câmara para o quadriennio de 1942 a 1945.

O Conselho Municipal para o quadriennio de 1942 a 1945 ficou assim constituído:

Dr. Manuel Simões Barreiros, presidente; Tenente Carlos Rodrigues, vice-presidente; drs. Alberto Teixeira Forte e Joaquim Rodrigues de Oliveira, Francisco Rodrigues Ferreira, comerciante; Joaquim Loureiro de Campos, professor; Capitão José Simões, José Antunes, regente escolar; Adelino José Lopes, proprietário; Manuel Simões Fidalgo e João Alves, pelos sindicatos.

A Câmara fica constituída pelos seguintes indivíduos:

Dr. Manuel Simões Barreiros, presidente, Tenente Carlos Rodrigues, vice-presidente, José Manuel Godinho e Mário Diniz Ferreira, vogais efectivo; substitutos, António Neto e Virgílio Henriques da Costa.

Sofreu o elenco do Conselho Municipal e Câmara profunda remodelação. Com raras excepções, são pois quasi todos elementos novos.

Os destinos do nosso concelho vão ser confiados à administração dos indivíduos mencionados.

Estamos certos que a escolha, chamamos assim, foi acertada, são todos pessoas de bem, com competência e honestas, em quem o concelho pode confiar.

Vão iniciar a sua administração no principio do próximo ano. Nós todos estamos confiados na sua administração e estamos certos, que não hão-de desmerecer a esperança com que todos os homens de bem os indicaram a uns e a outros que foram eleitos.

Estamos num período anormal, é certo, mas apesar-disso, esperamos que a obra de melhoramentos retomada o ritmo acelerado, de que há anos este concelho vem animado.

Todos os bons figueiroenses assim o desejam e nós, como interprete desse sentir, aqui lhe testemunhamos a nossa admiração e o bom desejo de que se continue a obra gloriosa que marca um padrão de honra na história da Revolução Nacional para a nossa terra.

Dr. Simões Barreiros

Regressou de Lisboa onde foi assistir à reabertura da Câmara Corporativa o nosso director dr. Simões Barreiros, ilustre presidente da Câmara Municipal.

Uma iniciativa útil

S OB o patrocínio da Câmara Municipal de Lisboa realizou-se há dias, por iniciativa do Secretariado da Propaganda Nacional, uma exposição de crisântemos que deu durante alguns dias à Capital um aspecto florido que mais realçava os encantos que o belo sol do Outono dou-rava. A rua Augusta, a velha artéria pombalina, a porta de entrada de Lisboa, apareceu com as montras das suas lojas decoradas com essa flor exótica, baptizada com o estranho nome de «flor de ouro», e que simultaneamente a flor da saúde, porque é com ela que pobres, remediados e ricos ornamentam as humildes campas ou os sumptuosos mausoléus no dia consagrado pela Igreja aos mortos—Fiéis Defuntos.

Foi uma iniciativa simpática e merecedora do nosso aplauso e incitamento. Em geral—e salvando raros casos dispersos—o comerciante português não tem o sentimento perfeito do partido que pode tirar da sua montra; e em particular, podemos afirmar que nenhum há que procure var na flor, qualquer que ela seja, um elemento de primeira ordem para a ornamentação das montras e, por conseguinte, capaz de atrair para estas a atenção do transeunte descuidado. As montras das duas grandes cidades portuguesas são despidas e quasi sem interesse. Na maioria dos casos ou estão nuas ou se mostram como depósito daquilo que o comerciante não pode guardar já no armazém ou no interior da loja, tal é o aglomerado de objectos ou de fazendas, dispostos sem ordem, sem método e, sobretudo, sem gosto. E é sobretudo a falta de gosto que caracteriza a montra do comerciante português. Procurou, há pouco ainda, o S. P. N., por meio de um concurso original, levar os comerciantes de Lisboa a cuidarem das suas montras, e os resultados foram surpreendentes. Agora continuou essa iniciativa com esta outra ainda mais original: a decoração das montras com crisântemos, com o fim de levar os comerciantes a utilizar mais largamente as flores como elemento decorativo e criar entre elles uma emulação muito útil, considerada sob o aspecto de bom gosto e de arte dessas montras. E é sobretudo o bom gosto que deve presidir à disposição do interior duma montra que não precisa de ser grande para impressionar e atrair quem passa e a olha.

Deveria tal iniciativa do S. P. N. ser imitada pelos Municípios ou pelos Grémios do Comércio por esse país fora, no sentido de se acabar de vez com o aspecto desagradável que oferecem as montras das cidades portuguesas, incluindo as de Lisboa e do Porto, onde, com raras excepções, elas constituem um aglomerado de objectos sem nexo dispostos na maior desordem. Poder-se iam organizar concursos em que a flor constituisse o principal motivo ornamental, utilizando-se para isso as flores predominantes em cada estação do ano e de cada região do País. Se sob o ponto de vista comercial dessas iniciativas, seriam os comerciantes os primeiros a tirar proveito, sob o ponto de vista artístico e turístico muito ganhariam as cidades de Portugal que se mostrariam mais garridas ao turista, orgulhosas das suas galas, que a flor realçaria.

Estrada de Arega

Foi dotada com a importância de 39 999\$00 o empedramento da E. M. de Arega e do Val de Aveleira.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Este empedramento vai fazer-se no próximo ano.

EXPEDIENTE

Como a cobrança que fazemos aos nossos estimados assinantes, pelo correio, é de grandes despesas, nós pedimos a especial fineza de não nos deixarem devolver os recibos respectivos, porque isso representa para nós triplicado encargo, que vem ainda agravar a situação precária em que se encontra a pequena imprensa.

Esperamos, pois, não receber recibos devolvidos na cobrança que estamos fazendo o que muito agradecemos.

A Redacção

Pagamento de assinaturas

Foram pagas na nossa redacção as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

- José Rodrigues Ferreira, Casais—Arega
- António Lopes, S. Paulo—Brasil
- Bernardino Grácio Correia, Lourenço Marques
- Manuel Joaquim de S. José, L. Marques
- Valentim Coelho da Fonseca, Pobrais
- António Curado d'Almeida Júnior, Figueiró
- Joaquim Mendes Leitão, Figueiró
- José de Oliveira David, Soalhreira.

Organização mineira

O decreto, recentemente publicado nos jornais, pelo qual se regulamenta a disciplina a actividade da indústria de exploração mineira, cuja desorientação tantos prejuizos estava já causando à economia nacional, foi comentado há dias num editorial do «Diário da Manhã», com estas justas palavras:

«É preciso que todos os portugueses se convençam que só aproveitando ao máximo os recursos nacionais podemos prevenir o futuro contra dificuldades de vida, faltas, privações ou misérias, que a dura experiência de outros povos nos mostra a imperiosa necessidade de evitar.»

A necessidade de produzir foi salientada mais uma vez e há pouco ainda na nota officiosa do Ministério da Economia. É porém, necessário que essa produção seja organizada. «Se a actividade mineira contraria esta orientação do bom senso nacional — conclue o «Diário da Manhã» — é manifesta a necessidade de submetê-la a regras de organização industrial corporativa, que disciplinem e conciliem os seus interesses legítimos com os interesses superiores da colectividade. E, conseguintemente, tudo o que o Governo ordenar neste sentido será benéfico e terá o incondicional apoio da Nação!»

Analisando

Dizia Demétrio de Phalero que os verdadeiros amigos esperam que os chamem quando há prosperidade, apresentando-se espontaneamente na ocasião das desventuras.

Por seu lado, Platão dizia ser a amizade uma benevolência reciproca que torna dois seres cuidadosos da felicidade um do outro, igualdade que se estabelece e conserva pela conformidade dos costumes.

Uma bela definição de Deus dada por Linneu:

«A esse Deus que tu não podes definir nem compreender, mas que o senso intimo te demonstra e que o universo e as suas leis matemáticas te provam:

podes chamar *Destino*, porque não erras, visto que é d'ele que tudo depende;

podes chamar *Natureza*, porque não erras, visto ser aquilo de que tudo nasce;

podes chamar *Providência*, porque não erras, visto ser nos seus conselhos que o mundo firma os seus meios de acção.»

Ernesto Menault cita no seu «*L' amour maternel chez les animaux*», a seguinte descrição dum facto referido pelo doutor Franklin:

Uma pata pôs a sua ninhada na cosinha dum pequeno lavrador.

Sentindo-se morrer, saiu e dirigiu-se a uma companheira que trouxe e a qual mostrou os patinhos ainda implumes. Esta compreendeu a gravidade do caso e imediatamente cobriu os ovos da outra que morreu ao seu lado.

Santo Malo estava trabalhando no campo.

Como era no verão e sentisse muito calor, despiu o manto e prendeu-o nos ramos duma árvore.

Logo uma carriça veio aninhar-se nas dobras do manto e ali pôs um ovo.

O santo, cheio de contentamento orou agradecendo a Deus o grande prazer que lhe proporcionara, e deixou o manto no mesmo sitio, pelo que a ave ali depositou mais seis ovos.

Passado tempo, os passarinhos apareceram, e a carriça partiu alegre, com a sua pequena família.

É ainda no livro «*L' amour maternel chez les animaux*» que Menault conta dois factos a atestarem o grau de amizade das cegonhas pelos filhos.

Um deles passou-se em Delft, na Holanda: uma cegonha que fizera ninho no alto dum edificio onde se declarou um violento incêndio, fez todos os esforços para salvar a ninhada, e não o conseguindo, morreu junto dos filhos, preferindo isso a abandoná-los no perigo.

O outro teve lugar em Kelbra (Russia), tendo-se igualmente declarado um incêndio numa casa onde as cegonhas haviam construido ninhos, estas extinguiram as chamas que ameaçavam envolvê-los, por meio de água trazida nos próprios bicos.

J. Fontana da Silveira

AGRADECIMENTO

Manuel José da Silva, Maria da Conceição Medeiros, Maria do Carmo Medeiros, marido e filhos, Luiz da Silva, esposa e filhas e Aldara da Conceição Medeiros, marido e filhos vêm, por este meio agradecer a todas as pessoas que acompanharam sua querida esposa, mãe, sogra e avó, Filomena da Ressurreição Medeiros, à sua última morada.

Dia a dia

A acreditar em certos autores, os fenómenos cósmicos seriam, de certo modo, estranhos ao homem; impor-se-lhe-iam exteriormente, como uma espécie de fatalidade.

Concepção evidentemente absurda! Como se o económico não fôsse o próprio homem, com as suas necessidades, os seus desejos, e também, sobretudo, o seu trabalho!

(Cuvillier, em «Introdução à sociologia», Coleção Studium)

Fala-se dum «filósofo» e imagina-se um homenzinho de lunetas, grandes madeichas de cabelo caindo sobre o casaco, de olhar fixo e aéreo, que, quando sai de casa, não vê e não ouve, — pensa —. Este era o tipo de filósofo que nos ficou gravado na mente através de leituras antigas. O «filósofo», dos nossos dias é um sujeito bem posto, que usa monóculo ou não, mas que tem um ar «chic», «filosófico», possuindo o seu curso em que passeia, fingindo não ver o perário que caminha de marmita na mão e não ouvir o pregão dos rapazitos de dez anos que vendem 100 agulhas de máquina de ponto por cinco tostões. Ele tem o seu «sistema filosófico», que defende mostrando os dentes, como um cão que receia ser despejado duma posta de carne roubada.

Uma explicação do mundo... Sim. Tudo é explicável. Quem se lembresse de dizer no seculo XIX que ouvira em sua casa um concerto no Scala de Milão ou na ópera cómica de Paris, manejando um aparelho chamado «rádio», seria traçado e talvez a sua vida corresse perigo. Era absurdo. Como era a principio o vapor imprimindo movimento a uma locomotiva e a electricidade inundando uma casa de luz. Mas o homem lutou. E continua a lutar. E dessa luta surge o progresso da humanidade e a explicação da factos até aí considerados inexplicáveis. Dia a dia o homem diligencia compreender. Descobrir o porquê da descarga electrica que derruba o castanheiro secular e do vulcão que vomita pedras e lava. E dia a dia é mais insignificante o número de fenómenos cujas origens são desconhecidas.

Mário Soares

Joaquim J. Fernandes
Medico Municipal
Clínica geral
Doenças das crianças
Figueiró dos Vinhos

Produzir e economisar

O Governo da Nação não se cansa de apregoar: mais produção, mais economia.

Estamos numa época anormal. Todo o mundo está a sentir os horrores da guerra.

Portugal, que graças à providência tem escapado, por enquanto, bem entendido, a entrada directa nesta conflagração, precisa de se preparar para suportar os horrores da guerra.

Produzir mais e mais economia, não se cansa o Governo de aconselhar.

É preciso que todos meditem nestas palavras, é preciso que todos auxiliem o nosso Governo.

Anúncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

Éditos de 30 dias

1.ª Publicação

Faz se saber que por este juizo e sua primeira secção correm éditos de trinta dias citando o executado Ramiro da Costa David, divorciado, ausente em parte incerta do país e com o seu último domicilio em Varzea Redonda, desta comarca, para nos termos da execução por custas e selos que lhe move o digno agente do Ministério Público por falta de pagamento da quantia de duzentos e seis escudos e vinte e um centavos e respectiva percentagem, proveniente de custas em divida no inventário cranológico a que neste juizo se procede por óbito de sua ex-mulher Francisca de Jesus, residente que foi em Fonte do Velho, e notificando-o de que foi feita ponthora nos bens abaixo mencionados, sendo deles constituido depositário António Graça, casado, da referida Fonte do Velho.

BENS PENHORADOS

Uma casa de habitação sita na Fonte do Velho, freguesia de Figueiró dos Vinhos, partindo do nascente com António Graça, poente e norte com a estrada e sul com bens do casa. Este prédio constitui a parte urbana do descrito na Conservatória do Registo Predial desta comarca no livro B. sessenta e seis, a folhas cento e seis, sob o número 29.990;

Uma terra com eucaliptos ao Covão, limite de Castanheira, freguesia de Figueiró dos Vinhos, partindo do nascente com Adelino Joaquim, poente com José dos Santos e outros, norte com Manuel Faria e sul com herdeiros de António dos Santos, descrito na Conservatória no livro B setenta e seis a folhas cento e sete sob o n.º 29.992;

Terreno com mato e earvalhos sita ao Botareu do Caramelheiro, limite do Caramelheiro, freguesia de Figueiró dos Vinhos, partindo do nascente e sul com Manuel Campos, poente e norte com Joaquim Pimenta, descrito na mesma Conservatória no livro B setenta e seis a folhas cento e dez sob o numero 29.998;

O usufruto destes três prédios pertence a João Dias, viuvo da Fonte do Velho.

Terra de sementeira sita ao Ribeiro, limite dos Muninhos

Alvaro Amorim Pinto
Advogado

Castanheira de Pêra

Em PEDRÓGÃO GRANDE: tôdas as segundas-feiras até ao meio dia

Fundeiros, freguesia de Aguda, partindo do nascente com o ribeiro, poente com José Simões, norte com Manuel Neves e sul com Manuel Simões de Abreu, inscrito na matriz sob o artigo 18.973;

Um talho de terra de seca ao Couto da Fonte, limite dos Muninhos Fundeiros, freguesia de Aguda, partindo do nascente e poente com o ribeiro, norte com António José Quintas, e sul com António Simões Quintas, inscrito na matriz sob o artigo 18.787;

Mato na Lomba das Grahas, limite dos Muninhos Fundeiros, freguesia de Aguda, partindo do nascente com a estrada publica, poente e norte com António Simões e sul com Manuel Bertolo inscrito na matriz sob o artigo desasseis mil oitocentos e quarenta e oito;

Uma terra de sementeira ao Caldeirão, limite dos Muninhos Fundeiros, freguesia de Aguda, partindo do nascente e norte com Antonio José Quintas sul com Manuel da Ascenção poente com Francisco Quintas inscrito na matriz sob o artigo 14.935;

Mato e pinheiros á Cova da Seladinha, limite dos Muninhos Cimeiros, freguesia de Aguda, partindo do nascente com Antonio da Silva, norte com António Simões, poente e sul com Manuel Simões, inscrito na matriz sob artigo desassete mil duzentos e sessenta e um;

Figueiró dos Vinhos, 19 de Novembro de 1941.

O Chefe da 1.ª Secção

Jaime Ribeiro Sucena

Verifiquei a exactidão

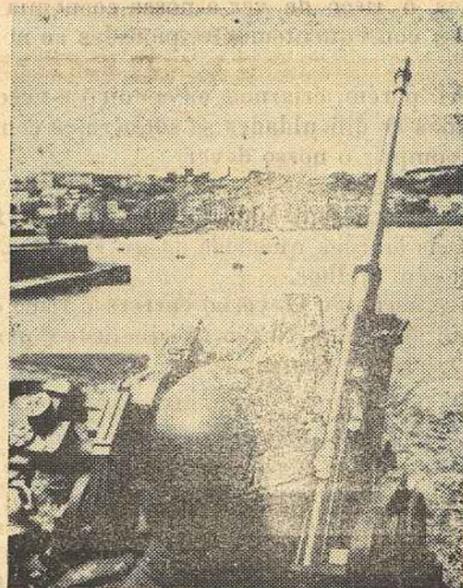
O Juiz de Direito

Themudo Machado

Jornal «A Regeneração» n.º 547 de 6 de Dezembro de 1941

GÉLO

VENDE - SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pêra



Defesa anti-aérea alemã na ilha inglesa de Jersey, no canal da Mancha

Aniversário do Chefe do Estado

Postais Ilustrados

O sino da aldeia

Completo 72 anos em 24 do mês findo o venerando Chefe do Estado. O seu aniversário constituiu um verdadeiro acontecimento nacional — que por igual afeiçoa, no mesmo movimento de respeito e de amizade, todos os portugueses.

A figura prestigiosa de português que é o sr. General Carmona teve, nesse dia, à sua volta, a Nação inteira num movimento unânime de jubilo e de devoção patriótica. De facto, o sr. General Carmona, encarnação viva das virtudes da Pátria, não é apenas um nome que quer dizer Portugal quando evocado lá fora. Também adentro das nossas fronteiras Portugal e Carmona se confundem; a nação reconhece no seu Chefe um exemplo vivo das qualidades que ao longo dos séculos a engrandeceram.

Reabertura da Assembleia Nacional

A 26 do mês findo reabriu a Assembleia Nacional.

O início dos trabalhos na Assembleia reveste-se habitualmente de grande solenidade. Desta vez falaram, na sessão inaugural, o seu Presidente, Doutor José Alberto dos Reis, e os Deputados drs. João do Amaral, D. Domitília de Carvalho, Vasco Borges e Carlos Borges.

Nesta reabertura da Assembleia Nacional, o sr. Doutor José Alberto dos Reis fez um apelo aos portugueses — apelo cheio de patriotismo e de oportunidade — depois de ter salientado num importante discurso o significado da viagem presidencial aos Açores e o êxito da Embaixada portuguesa ao Brasil: «Um dever se impõe na hora presente: a estreita união à volta de Salazar.»

Eleições administrativas

Realizaram-se ultimamente as eleições dos vereadores das Câmaras Municipais em todo o País.

Tal como nas eleições das Juntas de Freguesia, assim nestas se notou o mesmo espírito ordeiro de unidade, ao redor do Estado Novo — segundo as instruções do sr. Ministro do Interior, dadas com tanta clareza no seu notável discurso do Porto. Uma prova particular dessa unidade foi que, havendo em algumas partes mais duma lista de candidatos triunfou a da União Nacional — por isso que o nosso eleitorado já de há muito se reconheceu de como a União Nacional é esmerada na escolha dos dirigentes dos corpos administrativos, e dos corpos políticos do Estado Novo. Quando acima se diz ter havido mais duma lista de candidatos, lembremo-nos de que, no Estado Novo, o eleitorado vota em regime de liberdade, condicionada pelo superior interesse da Nação — o que, sem duvida nenhuma,

O velho sino da aldeia
Do alto do campanário
Sua saia bamboleia
A tomar da vida alheia
As notas do seu diário.

Repica se há baptizado
E dobra se morre alguém,
E se há fogo em qualquer lado
Seus alarmes não contém.

Aos domingos toca à missa.
E vem gente adominguada,
Com sua graça castiça,
Aos seus toques submissa,
Ouvir a missa rezada.

Ficam-se pares no adro,
Num colóquio divertido,
Dando poesia ao quadro
A que o Sol dá colorido.

E o sino da velha aldeia,
Lá no alto, solitário,
As suas vistas recreia
Nesse amor com que recheia
Os toques do seu diário.

Se se fazem casamentos
E' alegre o seu tocar
Espalhando aos quatro ventos
A nova de mais um lar.

E quando a aldeia se apresta
A pôr tudo embandeirado,
A igrejinha modesta
Fica a rainha da festa.
Com seu tapete alindado.

Cascais, 1941

Auxílio a escritores pobres

Uma instituição inglesa, que se enriqueceu consideravelmente com a venda da biblioteca de G. K. Chesterton, recebe muito frequentemente doações importantes que lhe permitem socorrer grande número de escritores necessitados. Os nomes desses escritores só podem ser revelados ao público depois de um intervalo de cem anos. A princípio, esses nomes não poderiam já mais ser divulgados; alterou-se depois o regime.

Acontece, porém, que muitos escritores socorridos declaram, reconhecidamente, o seu segredo. E um deles foi D. H. Lawrence.

Desde a sua criação, há 160 anos, o «Royal Literary Fund» distribuiu mais de 25 milhões de francos.

Entre os grandes escritores que auxiliou, e cujos nomes foram publicados, um século mais tarde, encontra-se Chateaubriand, que não tinha um centavo no bolso quando se refugiou em Londres.

Inglês

Lecciona-se teórica e praticamente. Quem deseja dirigir-se a Dr. Alvaro Amorim Pinto em Castanheira de Pera.

dá maior relêvo à unidade nacional testemunhada nas recentes eleições.

Assim como o sr. Ministro do Interior, e o nosso Governo, assim a União Nacional deve estar justamente satisfeita com os resultados, que, perante o Mundo, provam a identidade de Portugal com a Revolução que o redimiu, e os Chefes que o governam.

Toca a banda no palanque
'Stoiram foguetes no ar.
E o povo num grande arranque
Começa todo a folgar.

E o sino velho da aldeia
Anota no seu diário
Um dia de festa cheia
Em que todo se bamboia
No alto do campanário.

Desce o dia, põe-se o sol...
E a vida na aldeia morre.
Só vigia o rouxinol
E o velho sino da torre.

Há paz nas almas do povo,
Franqueza nos corações.
E' um mundo sempre novo,
Sem progresso nem renovo
Mas dando belas lições.

E' assim todos os dias,
E' assim tôdas as vidas.
Põe-se o Sol—avé Marias...
Nasce o Sol—as mãos erguidas!

E o sino velho e lendário,
Qual coração que lateja
No alto do campanário,
Com seu badalo solfeja
As notas do seu diário.

E as novas do povoado
No seu toque se contém:
Alegre se há baptizado
E triste se morre alguém.

Francisco Pires

A Liga de Profilaxia Social e a repressão do esgarro

A Liga de Profilaxia Social, que desde há muitos anos tem porfiadamente combatido junto das instâncias competentes o mau hábito de cuspir e escarrar no chão, não pode deixar de olhar com simpatia tôdas as medidas tomadas no sentido de se irradiar dos nossos costumes essa velha usança, tão perniciososa para a saúde quanto inestética e até repulsiva. Combater o esgarro é combater a tuberculose e várias outras doenças infecciosas, assim como é propiciar o turismo e o bom nome de Portugal junto dos estrangeiros que nos visitam.

Mas prestada assim esta justiça à orientação enérgica assumida pela Polícia de Segurança Pública do Porto a Liga de Profilaxia aproveita esta oportunidade para dirigir um novo e veemente apelo à população do Porto, para que, dando uma óptima prova da sua educação e do seu civismo, seja a primeira a evitar que a Polícia tenha ocasião de intervir, colocando-se espontaneamente dentro dos bons preceitos de higiene e civildade, que nos levam a renunciar *motu próprio* a todos os actos que podem ser prejudiciais ou repelentes para a comunidade.

Além disso a Liga de Profilaxia renova igualmente a sua prevenção primitivamente feita em Novembro de 1940, às pessoas do fora do Porto que visitam a cidade, para que evitem também incorrer nas penalidades, ao mesmo tempo que aproveitam a ocasião para recomendar a tôdas as cidades e vilas do País que, a exemplo de Lisboa, do Porto e das outras terras onde esta medida já vigora, adoptem sem tardar a mesma salutar disposição.

Conselho Provincial

O decano dos jornalistas portugueses nos Estados Unidos

Sob a presidência do Professor sr. dr. Bissaia Barreto, reuniu em Coimbra no passado dia dois o Conselho Provincial da Beira Litoral, a fim de aprovar o relatório da gerência e as bases do orçamento para o futuro ano.

O illustre e distinto Professor sr. dr. Bissaia Barreto, apresentou o relatório da gerência, que foi aprovado por aclamação.

Nesse relatório sua ex.ª foca a obra levada a efeito pelo organismo a que tão distintamente preside, que como é do conhecimento público possui tanto de grandiosa, como humanitária e salienta outras de não somenos importância.

Hospital Colónia Agrícola dos Alienados e a construção duma gafaria.

A primeira já em construção e a segunda já parte está a concurso.

Não cabe nos limites deste jornal a apreciação duma obra tão notável como a que se vem levando a efeito pela Junta da Provincia da Beira Litoral.

Por isso nos limitamos a dizer: essa obra é tão brilhante, marca uma época de renovação, que já mais pode ser esquecida.

A obra do professor dr. Bissaia Barreto, é daquelas que immortaliza o homem que a concebeu e levou a efeito.

Por isso dizemos nesta altura, em que se vai proceder a nova eleição: é necessário que Sua Ex.ª continue para que a obra não pare.

Produzir mais

Uma nota officiosa do Ministério da Economia, Enviada há dias aos jornais, depois de traçar — em clara e oportuna síntese — o panorama económico do momento actual, afirmava:

«Se não podemos contar com a contribuição alheia para satisfazer as necessidades da população ou se prudentemente o não devemos fazer, só restam estas soluções: reduzir as exigências da vida com todo o seu cortejo de privações e sofrimentos ou lançar-nos resolutamente no caminho da produção.»

Depois de combater os vícios e os erros de visão que por vezes impedem uma justa apreciação do problema, depois de lembrar que «ainda que a maior necessidade seja a de assegurar o pão quotidiano» não é só a cultura dos cereais panificáveis que tem de ser intensificada, mas também a do arroz e a das leguminosas, — a nota conclue:

«Nenhuma fonte de substâncias

O «Diário de Notícias», de New-Bedford, publicou num dos seus últimos números um curioso artigo em que se presta homenagem ao sr. Manuel das Neves Xaxier, considerado o decano dos jornalistas portugueses na América do Norte. Tem uma biografia curiosa este homem de 89 anos que foi balleiro e homem de letras, nunca esquecendo, porém, a pátria distante, procurando mesmo fazer convergir para ela a atenção dos seus compatriotas perdidos na grande nação americana. Na sua revista «Aurora Lusitana», afirma-se um grande amor da língua portuguesa, fronteira que ele nunca esqueceu, mesmo quando tão afastado do país natal.

Comentando a actividade de Manuel das Neves Xavier, o «Diário de Notícias», de New-Bedford, lembra que ele é «mais do que o jornalista que corajosamente lutou contra as tendências do meio — o símbolo vivo do português que o sabe ser até à morte».

Neste momento, em que se prepara a celebração do tricentenário da primeira gazeta portuguesa, não seria interessante que os nossos jornalistas, sobretudo os que se consagram amorosamente aos semanários da sua região, enviassem, uma mensagem a Manuel das Neves Xavier?

E' que ele souba criar lá fora, à imagem e semelhança dos nossos periódicos regionais, uma imprensa defensora de uma verdadeira provincia espiritual portuguesa.

A. Teixeira Forte
ADVOGADO
Figueiró dos Vinhos

alimentares, recanto ou nesga de terra, pode ficar inactiva, desaproveitada; até as pequenas economias domésticas, com o seu quintal ou hortejo e a sua reduzida indústria de criação, devem contribuir para atenuar privações que o futuro, porventura nos reserve. Basta que, olhando às necessidades da família, se ponha mais cuidado e esmero nos cultivos e se faça melhor aproveitamento dos recursos domésticos. «Enfim, nesta emergência grave, a regra continua a ser: produzir e poupar».

A' MARGEM DA GUERRA



No Quartel General do Comando de Bombardeiros da R. A. F., estuda-se atentamente o programa das operações da noite sobre território inimigo.